

FICHA TÉCNICA

Título original: *A Place Called Freedom*

Autor: *Ken Follett*

Copyright © 1995 by Ken Follett

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *João Martins*

Imagem da capa: © *Mark Owen/Trevillion Images*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 404 654/16

3.ª edição, Lisboa, março, 2016

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Fiz muita jardinagem quando fui morar para High Glen House, e foi assim que encontrei a argola de ferro.

A casa estava a cair aos bocados e o jardim crescia ao abandono. Tinha ali vivido durante vinte anos uma velhota maluca que nunca lhe tinha dado uma pincelada de tinta. A velhota morreu e eu comprei a casa ao filho, que é dono do *stand* da Toyota em Kirkburn, a cidade mais próxima, a cinquenta milhas.

Poderão perguntar o que leva alguém a comprar uma casa decrepita a cinquenta milhas de sítio nenhum. É que eu adoro este vale. Há veados assustadiços na floresta e um ninho de águia mesmo no alto da serra. No jardim, passava metade do tempo apoiado na pá a contemplar os flancos verde-azulados da montanha.

Mas também cavei um pouco. Decidi plantar uns arbustos à volta do anexo. O barracão não é bonito — paredes de ripas sem janelas — e eu queria tapá-lo com os arbustos. Ao abrir os caboucos, encontrei uma caixa.

Não era muito grande: teria mais ou menos o tamanho de uma daquelas caixas de doze garrafas de bom vinho. Também não era elegante: madeira simples, sem verniz, fixa por pregos ferrugentos. Abri-a partindo-a com a lâmina da pá.

Tinha lá dentro duas coisas.

Uma era um livro grande e antigo. Fiquei entusiasmado: talvez fosse a bíblia de alguma família, com uma história intrigante escrita na falsa folha de rosto: os nascimentos, casamentos e mortes de gente que tivesse morado na minha casa cem anos antes.

Mas foi uma decepção. Quando o abri, constatei que as páginas se tinham transformado numa papa indistinta. Não se lia uma palavra.

A outra coisa era um saco de oleado. Também este tinha apodrecido e, quando nele toquei com as luvas de jardinagem, desfez-se. Lá dentro encontrava-se um aro de ferro com umas seis polegadas de diâmetro. Estava oxidado mas o saco evitara que a ferrugem o consumisse por completo.

Parecia ser de fabrico rústico, obra de algum ferreiro de aldeia, e, de início, pensei que fosse uma peça de alguma carroça ou charrua. Mas porque o teriam embrulhado cuidadosamente num saco para o preservar? Além disso, estava fendido e tinha sido dobrado. Comecei a pensar que fosse uma coleira que algum prisioneiro tivesse sido obrigado a usar. Tendo fugido o prisioneiro, tê-la-iam cortado com um alicate de ferreiro e em seguida dobrado para a retirar.

Levei a argola para casa e pus-me a limpá-la. Como era trabalho demorado, mergulhei-a em decapante e voltei a tentar na manhã seguinte. Ao esfregá-la com um pano, tornou-se visível uma inscrição.

A caligrafia era anelada e antiga, e levei algum tempo a decifrá-la, mas eis o que acabei por conseguir ler:

Pertence este homem a Sir George Jamisson de Fife, ano de 1767.

Tenho-a aqui sobre a minha secretária, ao lado do computador. Uso-a como pisa-papéis. Pego nela muitas vezes e revolvo-a nas mãos, relendo a inscrição. Se uma argola de ferro pudesse falar, penso então, que história ela contaria?

PARTE UM
ESCÓCIA

CAPÍTULO UM

A neve coroava os cumes de High Glen e acumulava-se nas encostas arborizadas em clareiras cor de pérola, como joias num busto cingido por um vestido de seda verde. No fundo do vale corria entre penedos gelados uma torrente veloz. O vento gélido que invadia a terra vindo do mar do Norte trazia rajadas de granizo e de saraiva.

A caminho da igreja, pela manhã, os gémeos McAsh, Malachi e Esther, seguiam um carreiro que serpenteava ao longo da vertente leste do *glen* — o estreito vale. Malachi, conhecido como Mack, vestia um capote de xadrez de lã e calções de *tweed*, mas tinha as pernas nuas do joelho para baixo e os pés, sem meias, gelados dentro das chancas de madeira. Porém, era novo e tinha o sangue quente, e mal dava pelo frio.

Aquele não era o caminho mais curto para a igreja, mas High Glen fascinava-o sempre. Os altos declives da serra, os bosques sossegados e misteriosos e o gargarhar da água compunham uma paisagem que a sua alma bem conhecia. Já vira um casal de águias criar ali três ninhadas. Como as águias, já roubara salmão ao *laird* — o senhor das terras — do ribeiro onde o salmão abundava. E, como o veado, já se escondera entre as árvores, imóvel e mudo, à chegada dos couteiros.

O senhor das terras, na verdade, era uma senhora: Lady Hallim, viúva com uma filha. As terras do outro lado da serra pertenciam a Sir George Jamisson e eram um mundo diferente. Engenheiros tinham escavado enormes buracos nas encostas; montes de escória acumulada pela mão do homem desfiguravam o vale; enormes

carroças carregadas de carvão sulcavam a estrada lamacenta; e o ribeiro estava negro de poalha. Era aí que os gémeos viviam, numa aldeia chamada Heugh, longa fila de casas baixas de pedra estendidas pela encosta acima como degraus de uma escada.

Os irmãos eram as versões masculina e feminina da mesma imagem. Ambos tinham cabelo louro enfarruscado pelo pó de carvão e belos olhos verde-claros. Eram ambos baixos e entroncados, com fortes músculos nos braços e nas pernas. E eram ambos opiniosos e amigos de discutir.

Discutir era uma tradição familiar. O pai fora um rematado inconformista, sempre pronto a desafiar o governo, a igreja, ou qualquer outra autoridade. A mãe trabalhara para Lady Hallim antes de casar e, como tantos criados, identificava-se com as pessoas de condição. Certo inverno, particularmente rigoroso, tendo a mina encerrado durante um mês na sequência de uma explosão, o pai morrera com a tísica dos mineiros, doença pulmonar que tantos operários matava; e a mãe fora atacada de pneumonia e seguira-o no caminho da cova semanas depois. Mas as conversas continuaram, normalmente ao sábado à noite no lugar de Mrs. Wheighel, a coisa mais parecida com uma taberna que havia na aldeia de Heugh.

Os trabalhadores do senhorio e os rendeiros pensavam como a mãe dos gémeos. Diziam que o rei era escolhido por Deus e que era por isso que as pessoas lhe deviam obediência. Quanto aos mineiros, tinham ouvido ideias novas. John Locke e outros filósofos defendiam que a autoridade de um governo apenas podia provir do consentimento do povo. Esta teoria cativava Mack.

Em Heugh, poucos mineiros sabiam ler, mas a mãe de Mack sabia, e ele atenazara-a para que o ensinasse. A mãe então ensinara os dois filhos, surda às zombarias do marido, que dizia que ela estava a querer ser mais do que era. No lugar de Mrs. Wheighel, pediam a Mack que lesse em voz alta peças do *Times*, do *Edinburgh Advertiser* e de jornais políticos como o radical *North Briton*. Os periódicos chegavam sempre com semanas de atraso, ou mesmo meses, mas os homens e as mulheres da aldeia ouviam com avidez longos discursos textualmente reproduzidos, diatribes satíricas e notícias de greves, protestos e tumultos.

Fora após uma discussão de sábado à noite no lugar de Mrs. Wheighel que Mack escrevera a carta.

Nenhum dos mineiros escrevera jamais uma carta, e houve consultas infundáveis acerca da escolha de cada palavra. Era dirigida a Caspar Gordonson, advogado londrino que escrevia artigos nos jornais a ridicularizar o governo. Fora confiada a Davey Patch, o bufarinheiro zarolho, para que a fizesse chegar ao seu destino; e Mack não sabia se alguma vez lá chegaria.

A resposta viera na véspera e era a coisa mais extraordinária que algum dia acontecera a Mack. Ia mudar a sua vida de alto a baixo, pensava. Talvez fizesse dele um homem livre.

Tanto quanto a sua memória alcançava, sempre aspirara a ser livre. Em criança, tinha inveja de Davey Patch, que andava de aldeia em aldeia a vender facas e cordéis e canções. O que a vida do bufarinheiro tinha de tão maravilhoso, aos olhos infantis de Mack, era poder levantar-se ao nascer do sol e adormecer quando estivesse cansado. Mack tinha sete anos quando a mãe começou a acordá-lo, abanando-o na enxerga, minutos antes das duas da manhã, para trabalhar na mina quinze horas seguidas, largar às cinco da tarde, arrastar-se depois até casa, e adormecer as mais das vezes diante das papas da ceia.

Agora já não queria ser vendedor ambulante, mas continuava a ansiar por uma vida diferente. Sonhava construir uma casa para si, num vale como High Glen, num pedaço de terra a que pudesse chamar seu; trabalhar da madrugada até ao sol-posto mas repousar a noite inteira; ser livre para ir pescar num dia de sol, num lugar onde o salmão pertencesse não ao *laird* mas a quem o apanhasse. E a carta que tinha na mão significava que os seus sonhos podiam realizar-se.

— Continua-me a parecer que se calhar não a devias ler em voz alta na igreja — disse Esther enquanto palmilhavam a encosta gelada da serra.

Mack também tinha esse receio, mas ripostou:

— Ora, porquê?

— Vai dar sarilhos. O Ratchett fica furioso. — Harry Ratchett era o capataz, o homem que tomava conta da mina na ausência do dono. — Até é capaz de ir contar a Sir George e aí o que é que eles te vão fazer?

Mack sabia que a irmã tinha razão, e o temor roía-lhe o peito. Mas isso não o impedia de discutir com ela.

— Se guardar a carta só para mim, não vale de nada — disse.

— Bom, podias mostrá-la só ao Ratchett. Talvez te deixasse ir embora em paz, sem confusões.

Mack olhou-a pelo canto do olho. Bem via que não estava virada para teimar. Parecia mais aflita do que quezilenta. Sentiu um acesso de ternura por ela. O que quer que acontecesse, a irmã estaria do seu lado.

Ainda assim, Mack abanou a cabeça obstinadamente.

— A carta não me diz respeito só a mim. Há pelo menos cinco rapazes que haviam de querer sair de cá se soubessem que podiam. E as gerações do futuro?

Esther lançou-lhe um olhar arguto.

— És capaz de ter razão... mas não é esse o verdadeiro motivo. Queres é erguer-te na igreja e mostrar que o dono da mina está errado.

— Nada disso! — protestou Mack. Depois pensou um instante e sorriu. — Bom, é capaz de haver aí uma ponta de verdade. Já ouvimos tantos sermões para a gente respeitar a lei e os que estão acima de nós... E agora descobrimos que andam a mentir à gente, desde sempre, acerca da lei que mais nos interessa. Pois claro que quero erguer-me e dizer isto bem alto.

— Não lhes dês razões para te castigarem — disse Esther preocupada.

Mack tentou sossegá-la.

— Vou ser educado e humilde como ninguém — disse. — Nem me vais reconhecer.

— Humilde? — repetiu a irmã sem acreditar. — Gostava de ver isso.

— Só vou dizer como é a lei. O que é que isso pode ter de mal?

— Não é nada prudente.

— Pois não — admitiu Mack. — Mas é o que eu vou fazer.

Passaram o alto de um monte e começaram a descer do outro lado, de volta a Coalpit Glen. À medida que desciam, ia o ar ficando um pouco menos frio. Momentos depois, avistavam a igreja-jinha de pedra, ao lado de uma ponte sobre o rio sujo.

Junto do adro da igreja aglomeravam-se alguns casinhotos de rendeiros. Eram casebres redondos com o lume aceso no centro do chão de terra e um buraco no telhado para deixar sair o fumo, sendo esta divisão, a única da casa, partilhada o inverno inteiro entre as pessoas e o gado. As casas dos mineiros, mais acima na encosta, perto da mina, eram melhores: embora também tivessem chão de terra e telhado de erva, todas tinham lareira e chaminé a sério, e vidro na pequena janela ao lado da porta; além de que os mineiros não tinham de partilhar o espaço com as vacas. Não obstante, os rendeiros consideravam-se livres e independentes, e olhavam de cima os mineiros.

Não foram, porém, os casebres dos camponeses que chamaram a atenção de Mack e de Esther e que os fizeram estacar de repente. Parada junto do alpendre da igreja estava uma carruagem fechada, atrelada a uma parelha de belos cavalos cinzentos. Da carruagem, com a ajuda do pastor, saíam várias damas de saia armada e agasalho de peles, agarradas aos elegantes chapéus de renda.

Esther tocou no braço de Mack e fez sinal na direção da ponte. Montado num enorme cavalo de caça castanho, de cabeça baixa contra o vento frio, cruzava a ponte o dono da mina, o *laird* do *glen*, Sir George Jamisson.

Havia cinco anos que Jamisson ali não ia. Morava em Londres, que ficava a uma semana de viagem de barco e a duas de carruagem. Dizia-se que já fora um merceeiro pobre de Edimburgo, que vendia velas e genebra numa loja de gaveto sem mais honestidade do que a estritamente necessária. Então, morrera-lhe novo e sem filhos um parente, e George herdara o castelo e as minas. Sobre tais alicerces erguera um império comercial que se estendia a recantos do mundo tão inimaginavelmente remotos como a ilha de Barbados ou a Virgínia. E agora gozava de uma respeitabilidade empertigada: era um baronete, um magistrado, e corregedor do bairro de Wapping, responsável pela manutenção da lei e da ordem na zona ribeirinha de Londres.

Vinha obviamente visitar a sua propriedade escocesa, acompanhado de familiares e amigos.

— Pronto, aí está — disse Esther com alívio.
— Aí está o quê? — perguntou Mack, se bem que adivinhasse.
— Agora já não podes ler a carta.
— Porquê?
— Malachi McAsh, não sejas parvo! — exclamou a irmã. —
Não vais ler a carta à frente do *laird*!
— Pelo contrário! — teimou Mack. — Assim ainda é melhor.

CAPÍTULO DOIS

Lizzie Hallim recusou-se a ir de carruagem à missa. Era uma ideia absurda. A estrada entre Castle Jamisson e a igreja era um trilho esburacado e rasgado pelas rodas das carroças, com a crista dos sulcos lamacentos congelada, rija como pedra. A carruagem seria sacudida por solavancos tremendos, teria de avançar a passo, e os passageiros iriam chegar cheios de frio, amassados, e provavelmente tarde. Lizzie insistiu em ir a cavalo.

Aquele comportamento tão pouco próprio de uma dama era o desespero da mãe.

— Como arranjarás marido se te comportas sempre como um homem? — perguntou Lady Hallim.

— Arranjo marido assim que me apetecer — respondeu Lizzie. Era verdade: os homens estavam sempre a enamorar-se dela. — O problema é descobrir um que eu consiga aturar mais de meia hora.

— O problema é descobrir um que não se amedronte facilmente — resmoneou a mãe.

Lizzie riu-se. Tinham ambas razão. Os homens enamoravam-se dela à primeira vista, depois percebiam como ela era e recuavam a toda a pressa. Havia anos que os seus reparos vinham escandalizando a sociedade de Edimburgo. No seu primeiro baile, conversando com um trio de viúvas idosas, comentara que o juiz tinha o traseiro gordo, e a sua reputação não mais se redimira. No ano anterior, a mãe levara-a a Londres pela primavera para a apresentar na sociedade inglesa. Fora um desastre. Lizzie falara muito alto, rira demais e zombara abertamente dos modos refinados e da indumentária justa dos jovens ajanotados que tentavam cortejá-la.

— É por te teres criado sem um homem em casa — acrescentou a mãe. — Tornaste-te muito independente. — Dito isto, subiu para a carruagem.

Lizzie transpôs o portal de pedra de Castle Jamisson e dirigiu-se às cavalariças, a nascente do castelo. Morrera-lhe o pai quando tinha três anos, pelo que mal se lembrava dele. Quando perguntava de que morrera, a mãe respondia vagamente: do fígado. Deixara-as na penúria. Durante anos, a mãe fora subsistindo, hipotecando porções crescentes das terras da família, à espera de que Lizzie se fizesse moça para casar com um homem rico que resolvesse todos os seus problemas. Agora Lizzie tinha vinte anos e estava na altura de cumprir o seu destino.

Era sem dúvida por isso que a família Jamisson estava de visita à sua propriedade escocesa ao fim de tantos anos, e que os seus principais convidados eram as vizinhas, Lizzie e a mãe, que viviam a escassas dez milhas. O pretexto para a festa era o vigésimo primeiro aniversário do filho mais novo, Jay; mas a verdadeira razão era quererem que Lizzie casasse com o filho mais velho, Robert.

A mãe estava de acordo porquanto Robert era o herdeiro de uma grande fortuna. Sir George estava de acordo porque queria agregar a propriedade das Hallim às terras da família. Robert parecia estar de acordo, a julgar pela atenção que vinha dedicando a Lizzie desde que chegara — embora fosse sempre difícil saber o que ia no coração de Robert.

Lizzie viu-o de pé no pátio das cavalariças, à espera de que lhe selassem os cavalos. Tinha pareenças com o retrato da mãe dele que se achava no vestíbulo do castelo — uma senhora grave e séria de finos cabelos e olhos claros, com uma expressão determinada na boca. Robert não tinha nada de errado: não era especialmente feio, nem magro nem gordo, tão-pouco cheirava mal ou bebia demais ou vestia roupa efeminada. Era um excelente partido, dizia Lizzie para consigo, e, se a pedisse em casamento, ela provavelmente aceitaria. Não estava enamorada dele, mas sabia qual era o seu dever.

Resolveu gracejar um pouco com ele.

— É uma grande falta de consideração da sua parte morar em Londres — disse.

— Falta de consideração? — Robert franziu o sobrolho. — Porquê?
— Deixa-nos sem vizinhos. — Ele continuava com uma expressão desconcertada. Dir-se-ia que não tinha grande sentido de humor. Lizzie explicou-se: — Consigo em Londres, não há vivalma daqui até Edimburgo.

Uma voz por trás dela disse então:

— A não ser uma centena de famílias de mineiros e várias aldeias de camponeses.

— Sabe a que me refiro — disse Lizzie, voltando-se. O homem que falara era-lhe desconhecido. Com a sua franqueza habitual, perguntou: — Já agora, quem é o senhor?

— Jay Jamisson — respondeu o jovem fazendo uma vénia. — O irmão mais esperto de Robert. Como pôde esquecer-me?

— Oh! — Lizzie sabia que ele chegara à noite, já tarde, na véspera, mas não o reconhecera. Cinco anos antes, Jay era umas polegadas mais baixo, tinha borbulhas na testa e meia dúzia de pelinhos louros no queixo. Estava agora mais bonito. Mas na altura não era muito esperto e ela duvidava de que tivesse melhorado. — Eu lembro-me de si — disse. — Estou a reconhecer a vaidade. Jay sorriu.

— Quem me dera ter o seu exemplo de humildade e modéstia para seguir, Miss Hallim.

Disse então Robert:

— Olá, Jay. Bem-vindo a Castle Jamisson.

Jay ficou de repente mal-humorado.

— Não te dês ares de proprietário, Robert. Podes ser o mais velho mas ainda não herdaste a casa.

Lizzie interveio, dizendo:

— Parabéns pelos seus vinte e um anos.

— Obrigado.

— É hoje?

— É.

Robert perguntou impaciente:

— Vens a cavalo connosco?

Lizzie viu ódio nos olhos de Jay, mas a voz dele manteve-se neutra.

— Vou. Disse para me selarem um cavalo.

— É melhor partirmos já. — Robert voltou-se para a cavaliariça e elevou a voz. — Aviai-vos aí dentro!

— Tudo pronto, *sir* — respondeu da estrebaria um palafreireiro e, passado um instante, três cavalos eram trazidos para a rua: um robusto pônei preto, uma égua baia clara e um cavalo castrado cinzento.

Jay disse:

— Calculo que estes animais tenham sido alugados em alguma cocheira de Edimburgo. — Era crítico o tom, mas logo ele se dirigiu ao cavalo cinzento e lhe afagou o pescoço, deixando-o afocinhar contra a sua jaqueta azul de montar. Lizzie percebeu que ele tinha à-vontade com cavalos e que gostava deles.

Lizzie montou o pônei preto, à amazona, e saiu do pátio a trote. Seguiram-na os dois irmãos, Jay no cavalo cinzento, Robert na égua. O vento atirava saraiva para os olhos de Lizzie. A neve tornava a estrada traiçoeira, porque escondia buracos com um pé de fundura ou mais, que faziam tropeçar os cavalos. Lizzie disse:

— Vamos pelos bosques. É mais abrigado. E não tem o chão tão irregular. — Sem esperar que concordassem, enfiou a sua montada através da velha floresta.

Sob os altos pinheiros, o chão da floresta não tinha arbustos. Arroios e pequenos charcos estavam gelados e o chão coberto de pó de neve. Lizzie pôs o cavalo a meio-galope. Instantes depois, ultrapassava-a o cavalo cinzento. Ergueu os olhos e viu um sorriso de desafio no rosto de Jay: queria uma corrida. Lizzie soltou um grito de incitamento e esporeou o cavalo, que se lançou para diante com ardor.

Precipitaram-se por entre as árvores, evitando ramos baixos, saltando sobre troncos caídos, e esparrinhando sem cautela pelos regatos. O cavalo de Jay era maior e a galope seria mais veloz, mas as pernas curtas do pônei e a sua estatura ligeira adaptavam-se melhor àquele terreno e, pouco a pouco, Lizzie foi ganhando vantagem. Quando já não ouvia o cavalo de Jay, abrandou e acabou por parar numa clareira.

Jay chegou daí a pouco mas de Robert nem sinal. Lizzie supôs que ele fosse demasiado prudente para arriscar o pescoço numa

corrida despropositada. Puseram-se ambos de novo a caminho, lado a lado, a recuperar o fôlego. Dos cavalos emanava calor, que aquecia os cavaleiros.

— Gostava de fazer uma corrida em campo aberto — disse Jay ofegante.

— A montar à homem ganhava eu — retorquiu Lizzie.

Jay pareceu um tanto chocado. Todas as damas bem-nascidas montavam à amazona. Uma mulher montar à homem era considerado indecente. Lizzie achava que era uma ideia tola e, quando estava sozinha, era à homem que montava.

Observou Jay pelo canto do olho. A mãe dele, Alicia, segunda mulher de Sir George, era uma beldade loura, e Jay herdara os seus olhos azuis e o seu sorriso cativante.

— O que faz em Londres? — perguntou-lhe Lizzie.

— Pertencço ao Terceiro Regimento da Real Infantaria. — Atravessou-lhe a voz uma nota de orgulho e acrescentou: — Acabo de ser promovido a capitão.

— Muito bem, capitão Jamisson, e o que é que vós, valentes soldados, tendes para fazer? — perguntou Lizzie trocista. — Há guerra em Londres? Inimigos para matar?

— Muito trabalho nos dá manter a turba controlada.

Lizzie lembrou-se de súbito de quando Jay era um menino ruim e brigão, e perguntou-se se ele gostaria do seu trabalho.

— E como fazeis para controlar a turba? — perguntou.

— Por exemplo, escoltando os criminosos até à força, para garantir que os amigos os não soltam antes de o carrasco cumprir a sua missão.

— Então passais o tempo a matar ingleses, como um verdadeiro herói escocês.

Jay parecia não se importar com as provocações de Lizzie.

— Um dia gostava de apresentar a minha demissão e partir do país — disse.

— Oh? Porquê?

— Porque aqui ninguém quer saber de um filho mais novo. Até os criados param a pensar se devem obedecer quando lhes damos uma ordem.

— E crê que em outra parte será diferente?

— Nas colónias tudo é diferente. Li livros sobre o assunto. As gentes são mais livres e mais despreocupadas. Tomam uma pessoa por aquilo que ela é.

— E o que faria?

— A minha família possui uma plantação de açúcar na ilha de Barbados. Tenho esperança de que o meu pai me ofereça pelos meus vinte e um anos: a minha legítima, por assim dizer.

Lizzie sentiu uma inveja profunda.

— Que boa sorte a sua — disse. — Não há nada que eu mais queira do que partir para novas terras. Que emoção seria!

— Por lá é uma vida dura — contestou Jay. — Era capaz de sentir a falta dos confortos daqui: os armazéns, as óperas, as modas francesas, e por aí afora.

— Nada disso me interessa — respondeu Lizzie com despeito. — Destesto estas farpelas. — Envergava saia armada e corpete de cintura justa. — Gostaria de me vestir como um homem, de calções e camisa e botas de montar.

Jay riu-se.

— É capaz de ser um pouco de mais, mesmo para Barbados.

Lizzie pensou então: se Robert me levasse para Barbados, casava com ele num ápice.

— E temos escravos para fazer todo o trabalho — acrescentou Jay.

Saíram da floresta uns passos a montante da ponte. Na outra margem, os mineiros faziam fila para entrar na igreja.

Lizzie continuava a pensar em Barbados.

— Deve ser muito estranho ter escravos e poder fazer-lhes tudo o que se quiser, como se fossem animais — disse. — Não se sente mal com isso?

— Nem um pouco — respondeu Jay com um sorriso.

CAPÍTULO TRÊS

A igreja estava cheia. A família Jamisson e os seus convidados ocupavam boa parte da nave, as mulheres com as suas saias amplas e os homens com as suas espadas e os seus tricórnios. Os mineiros e os camponeses que compunham a habitual congregação de domingo deixavam um espaço em redor dos senhores, como temendo tocar nas ricas indumentárias e manchá-las de pó de carvão ou bosta de vaca.

Mack cantara de galo ao falar com Esther, mas roía-o a apreensão. Os senhores do carvão tinham o direito de açoitar os mineiros e, pior ainda, Sir George era um magistrado, o que significava que podia mandar enforcar alguém e não haveria quem o contradissesse. Era, com efeito, uma imprudência sujeitar-se à ira de homem tão poderoso.

Mas o devido era devido. Mack e os outros mineiros estavam a ser tratados injustamente, ilegalmente, e sempre que pensava nisso sentia-se tão zangado que lhe dava ganas de o gritar aos quatro ventos. Não podia espalhar a notícia sub-repticiamente, como se pudesse não ser bem verdade. Tinha de ser corajoso — ou então desistir.

Por um momento pensou em desistir. Para quê armar sarilhos? Entretanto começou um cântico e os mineiros cantaram em coro, enchendo a igreja com as suas vozes vibrantes. Atrás de si, Mack ouviu a voz majestática de tenor de Jimmy Lee, o melhor cantor da aldeia. O cântico fê-lo pensar em High Glen e no seu sonho de liberdade, fez então das tripas coração e resolveu-se a levar o seu plano por diante.

O pastor, o reverendo John York, era um homem de modos brandos, com quarenta anos e o cabelo a fazer-se ralo. Hesitava ao falar, perturbado pela magnificência dos visitantes. O seu sermão era sobre a Verdade. Como reagiria quando Mack lesse a carta em voz alta? O instinto dir-lhe-ia que tomasse o partido do dono da mina. Provavelmente ia jantar ao castelo depois da missa. Mas era um religioso: seria obrigado a erguer-se em defesa da justiça, dissesse Sir George o que dissesse, não era isto verdade?

As paredes de pedra lisa da igreja eram despidas. Não havia lareira, naturalmente, e o bafo da respiração de Mack distinguia-se no ar frio. Observou a gente do castelo. Reconheceu a maior parte da família Jamisson. Quando Mack era criança, passavam ali muito tempo. Sir George era inconfundível, com o rosto vermelho e uma grande barriga. Ao seu lado estava a mulher, num vestido cor-de-rosa com pregas que teria assentado bem numa mulher mais nova. Estava também Robert, o filho mais velho, de olhos duros e desprovido de humor, que aos vinte seis anos já começava a criar a barriguinha redonda do pai. Ao lado de Robert via-se um jovem louro e bem-parecido mais ou menos da idade de Mack: só podia ser Jay, o filho mais novo. No verão em que Mack tinha seis anos, brincara com Jay todos os dias nos bosques em redor de Castle Jamisson, e ambos supunham então que seriam amigos para a vida inteira. No inverno seguinte, porém, Mack começara a trabalhar na mina e nunca mais houvera tempo para brincar.

Também reconheceu alguns dos convidados dos Jamisson. Lady Hallim e a filha, Lizzie, eram caras conhecidas. Havia muito que Lizzie Hallim era fonte de sensação e de escândalo no *glen*. Dizia-se que costumava deambular vestida de homem com uma arma ao ombro. Que dera as próprias botas a um menino descalço e a seguir reprendera a mãe da criança por não esfregar a soleira da porta. Havia anos que Mack não a via. A propriedade das Hallim tinha a sua própria igreja, pelo que elas não apareciam por ali todos os domingos, mas apenas quando os Jamisson vinham de Londres, e Mack recordava-se da última vez que isso acontecera, teria Lizzie cerca de quinze anos: vira-a vestida como uma senhora elegante mas a atirar pedras aos esquilos como um rapaz.

A mãe de Mack servira noutros tempos como criada em High Glen House, a mansão Hallim, e, depois de casar, voltara lá num ou noutro domingo, para ver as velhas amigas e mostrar os filhos. Nessas visitas, Mack e Esther brincavam com Lizzie — provavelmente sem conhecimento de Lady Hallim. Lizzie era então uma serigaitazinha: mandona, egoísta e mimada. Mack beijara-a uma vez, e ela puxara-lhe os cabelos e fizera-o chorar. Dava a sensação de não ter mudado muito. Tinha um rosto pequeno e endiabrado, cabelo castanho aos caracóis e olhos escuros com uma expressão de malícia. A boca era como um arco rosado. Ao olhá-la, Mack pensou: «Gostava de a beijar agora.» No preciso instante em que lhe ocorreu tal desejo, Lizzie captou-lhe o olhar. Mack desviou os olhos, envergonhado, como se ela tivesse podido ler-lhe o pensamento.

O sermão chegou ao fim. Naquele dia, além da habitual missa presbiteriana, ia haver um batizado: Jen, uma prima de Mack, dera à luz o quarto filho. O mais velho, Wullie, já trabalhava na mina. Mack pensara que o momento mais oportuno para fazer o seu anúncio seria durante o batizado. À medida que a hora se aproximava, começou a assaltar-lhe o estômago uma sensação de aperto. Disse então a si mesmo para não ser tolo: todos os dias arriscava a vida na mina — porque haveria de ficar nervoso ao enfrentar um negociante gordo?

Jen estava de pé à frente, com um ar fatigado. Tinha apenas trinta anos mas parira quatro filhos e havia vinte e três anos que trabalhava na mina — e estava desgastada. Mr. York aspergiu com água a cabeça do bebé. Depois, Saul, o marido, repetiu a fórmula que submetia à escravatura qualquer filho de um mineiro escocês.

— Sujeito esta criança ao trabalho nas minas de Sir George Jamisson, em moço e em homem, enquanto for capaz, ou até que o leve a morte.

Era aquele o instante que Mack escolhera.

Pôs-se de pé.

Naquele momento da cerimónia, o capataz, Harry Ratchett, avançava normalmente até ao altar e entregava a Saul o «penhor»,

o pagamento tradicional pela sujeição da criança, uma bolsa com dez libras. Contudo, para surpresa de Mack, Sir George levantou-se para cumprir o ritual em pessoa.

Ao levantar-se, viu Mack olhar para ele.

Os dois ficaram a fitar-se um instante.

Sir George começou então a dirigir-se para o altar.

Nesse momento, Mack saltou para o corredor central da pequena igreja e disse em voz alta:

— A entrega do penhor não significa nada.

Sir George estacou e todas as cabeças se voltaram para Mack. Fez-se um momento de silêncio atônito. Mack ouvia o bater do seu próprio coração.

— Esta cerimónia não é válida — declarou. — O rapaz não pode ser prometido à mina. Uma criança não pode ser escravizada.

Sir George respondeu:

— Senta-te e cala a boca, fedelho estúpido.

Aquela desvalorização paternalista enfureceu Mack de tal maneira que todas as suas dúvidas se desvaneceram.

— Sente-se Vossa Senhoria! — ripostou sem pensar, e os presentes sobressaltaram-se com a insolência. Mack apontou um dedo a Mr. York. — O senhor, reverendo, falou de verdade, na sua homilia. Não a vai defender agora?

O pastor olhou para ele com um ar preocupado.

— Qual é o problema, McAsh?

— A escravidão!

— Ora, tu conheces a lei escocesa — disse York num tom conciliatório. — Os homens do carvão pertencem ao dono da mina. Quando um mineiro trabalha um ano e um dia, perde a liberdade.

— Sim — disse Mack. — É uma vilania, mas é a lei. O que eu digo é que a lei *não* sujeita as crianças à mina, e tenho provas.

Saul interveio, protestando:

— A gente precisa do dinheiro, Mack!

— Então aceita-o — disse Mack. — O teu filho vai trabalhar para Sir George até fazer vinte e um anos, e isso por dez libras. Mas — e Mack ergueu a voz —, quando ele chegar a essa idade, *vai ser um homem livre!*

— Aconselho-te a parar por aqui — ameaçou Sir George.
— Isso é conversa perigosa.

— Mas é a verdade — teimou Mack.

Sir George fez-se escarlate: não estava acostumado a que o enfren-tassem com tal persistência.

— Já trato de ti quando acabar a cerimônia — disse furioso. Entregou a bolsa a Saul e virou-se para o pastor. — Faça o favor de continuar, Mr. York.

Mack estava desconcertado. Não iam simplesmente prosseguir como se nada tivesse acontecido, pois não?

Mas o pastor prosseguiu:

— Cantemos o último hino.

Sir George voltou para o seu lugar. Mack continuava de pé, inca-paz de acreditar que tivesse terminado.

Continuava o pastor:

— Salmo segundo: «Porquê a fúria dos gentios, os sonhos vão da populaça?»

Uma voz por trás de Mack elevou-se:

— Não, não, ainda não.

Mack voltou-se. Era Jimmy Lee, o jovem mineiro que tinha magnífica voz para cantar. Já tentara fugir uma vez e, como castigo, usava agora ao pescoço uma coleira de ferro com a inscrição «Per-tence este homem a Sir George Jamisson de Fife, ano de 1767». Obrigado, meu Deus, pela intervenção de Jimmy, pensou Mack.

— Agora não podes calar-te — disse Jimmy. — Faço vinte e um anos para a semana. Se vou ser livre, quero saber como é.

Ma Lee, a mãe de Jimmy, apoiou-o:

— Queremos todos. — Era uma velha rija, sem dentes, muito respeitada na aldeia, e a sua opinião tinha peso. Outros homens e outras mulheres concordaram.

— Não vais ser livre — rugiu Sir George, levantando-se de novo. Esther puxou o irmão pela manga.

— A carta! — soprou-lhe ansiosa ao ouvido. — Mostra a carta! Com a excitação, Mack esquecera-se da carta.

— Não é o que diz a lei, Sir George — clamou, brandindo-a.

— Que papel é esse, McAsh? — perguntou York.

— É uma carta de um advogado de Londres que eu consultei.

Sir George estava tão escandalizado que parecia prestes a rebentar. Ainda bem que os separavam várias filas de bancos, pensou Mack, senão o *laird* era capaz de lhe saltar à garganta.

— *Tu* consultaste um *advogado*? — perguntou, cuspiendo as palavras. Aquilo parecia ofendê-lo mais do que tudo.

York perguntou:

— E o que diz a carta?

— Eu leio — disse Mack. — «A cerimónia do “penhor” não tem fundamento na lei inglesa nem na lei escocesa.» Ergueu-se da assembleia um burburinho de comentários surpresos: tal sentença contradizia tudo aquilo em que os tinham ensinado a crer. — «Os pais não podem vender o que não possuem, a saber, a liberdade de um homem adulto. Podem obrigar um filho a trabalhar na mina até ele atingir a idade de vinte e um anos, mas...» — Mack fez uma pausa teatral e leu a última parte muito devagar — «Mas nessa altura ele será livre para partir»!

De repente, todos queriam dizer alguma coisa. Gerou-se grande algazarra, com uma centena de pessoas a querer falar ao mesmo tempo, a gritar, a querer fazer uma pergunta ou a soltar uma exclamação. Provavelmente, metade dos homens presentes na igreja fora prometida em criança e sempre se considerara escrava em consequência disso. Agora, a esses homens, era-lhes dito que tinham sido enganados e queriam saber a verdade.

Mack levantou uma mão a pedir silêncio e logo eles se calaram. Por um instante, pasmou com o seu poder.

— Deixai-me ler mais uma coisa — disse. — «Quando o homem for adulto, a ele se aplica a lei como a outro qualquer na Escócia: tendo trabalhado um ano e um dia *como adulto*, perde a liberdade.»

Ouviram-se resmungos de raiva e desapontamento. Os homens perceberam que não era nenhuma revolução; a maioria não era mais livre do que alguma vez fora. Mas talvez se salvassem os filhos.

York disse então:

— Deixa-me ver a carta, McAsh.

Mack aproximou-se e entregou-lha.

Sir George, ainda roxo de fúria, perguntou:

— Quem é esse pretense advogado?

— Chama-se Caspar Gordonson — respondeu Mack.

York disse:

— Oh, sim, já ouvi falar.

— Também eu — acrescentou Sir George com desprezo.

— É um perfeito radical! Um comparsa de John Wilkes.

Toda a gente conhecia aquele nome: era um dirigente liberal famoso, que vivia exilado em Paris mas que ameaçava constantemente regressar para atacar o governo. Sir George continuou: — Se depender de mim, Gordonson vai pagar por isto na forca. Esta carta é alta traição.

O pastor indignou-se ao ouvir falar de forca.

— Não vejo que chegue a ser traição...

— Será melhor ficar-se pelo reino dos céus, reverendo — disse Sir George em tom cortante. — Deixe aos homens deste mundo julgar o que é traição e o que não é. — E, dito isto, arrebatou-lhe a carta da mão.

Os fiéis ficaram chocados com a rudeza da censura feita ao seu pastor e permaneceram em silêncio, à espera, para verem como reagiria. York sustentou o olhar de Jamisson e Mack teve a certeza de que o pastor ia fazer frente ao *laird*; mas York baixou os olhos e Jamisson mostrou-se triunfante. Tornou a sentar-se, como se tudo tivesse acabado.

Mack indignou-se com a cobardia de York. A Igreja devia ser a autoridade moral. Um pastor que acatava as ordens do *laird* era completamente inútil. Mack dirigiu-lhe um olhar de franco desdém e perguntou numa voz irónica:

— Então vamos respeitar a lei, ou não?

Robert Jamisson levantou-se, vermelho de cólera como o pai, e disse:

— Ides respeitar a lei e é o vosso *laird* quem vos diz o que a lei é.

— Isso é o mesmo que não haver lei nenhuma — retorquiu Mack.

— O que, no teu caso, vem a ser o mesmo — tornou Robert.

— És um mineiro. Que tens tu que saber da lei? E, quanto a escrever a advogados... — Robert tirou a carta da mão do pai. — Eis o que eu penso do teu advogado — disse, e rasgou a carta ao meio.

Os mineiros ficaram sem fôlego. Naquelas páginas, achava-se escrito o seu futuro, e Robert estava a rasgá-las.

Robert foi rasgando a carta em pedaços cada vez mais pequenos e depois atirou-os ao ar. Os pedaços esvoaçaram sobre Saul e Jen como papelinhos num casamento.

Mack sentiu-se tão desgostoso como se tivesse morrido alguém. Aquela carta era a coisa mais importante que lhe acontecera. Planeara mostrá-la a toda a gente da aldeia. Imaginara levá-la a outras minas, de outras aldeias, até a Escócia inteira ficar a saber. Contudo, Robert destruía-a num segundo.

Deve ter-se-lhe notado a derrota no rosto, pois Robert exibiu um ar de triunfo. O que enfureceu Mack. Não ia deixar-se vencer tão facilmente. A raiva tornou-o provocador. Ainda não acabei, pensou. A carta estava perdida mas a lei continuava a ser a mesma.

— Vejo que Vossa Senhoria ficou com medo bastante para rasgar a carta — disse, surpreso com o tom de zombaria fulminante da sua própria voz. — Mas não pode rasgar a lei da nossa terra. Essa está escrita num papel que não se destrói com a mesma facilidade.

Robert estremeceu. Vacilava, sem saber que resposta dar a tal eloquência. Ao cabo de um momento, disse furioso:

— Rua!

Mack olhou para Mr. York, e o mesmo fizeram os Jamisson. Leigo nenhum tinha o direito de ordenar a um fiel que saísse da igreja. Iria o pastor vergar-se e permitir que o filho do *laird* expulsasse uma ovelha do seu rebanho?

— Estamos na casa de Deus, ou na de Sir George Jamisson? — perguntou Mack.

Era um momento decisivo, e York não estava à altura. Com um ar envergonhado, disse:

— É melhor saíres, McAsh.

Mack não resistiu a soltar uma réplica, mesmo sabendo que era imprudente.

— Obrigado pelo sermão sobre a verdade, reverendo — disse. — Jamais o esquecerei.

Virou as costas. Esther pôs-se ao seu lado. Quando se encaminharam para a saída, Jimmy Lee levantou-se e seguiu-os.

Um ou dois outros mineiros levantaram-se, a seguir foi Ma Lee a pôr-se de pé e, de repente, a debandada era geral. Ouvia-se o arrastar sonoro das botas e o roçar dos vestidos à medida que os mineiros deixavam os seus lugares levando consigo as respectivas famílias. Ao chegar à porta, Mack percebeu que todos os mineiros presentes iam abandonar a igreja atrás dele, e foi assaltado por um sentimento de camaradagem e triunfo que lhe trouxe lágrimas aos olhos.

Juntaram-se à sua volta no adro. O vento caíra, mas agora nevava em grandes flocos que pousavam, indolentes, nas lápides tumulares.

— Não se faz, rasgar assim a carta! — disse Jimmy furibundo.

Muitos em volta concordaram.

— Escrevemos outra vez — sugeriu um.

Mack disse:

— Pode não ser muito fácil mandar outra carta. — Não era propriamente naqueles pormenores que estava a pensar. Arquejava e sentia-se animado, como se acabasse de subir a correr uma encosta de High Glen.

— A lei é a lei! — disse outro mineiro.

— Sim, mas o *laird* é o *laird* — retorquiu um mais cauteloso.

Quando se acalmou, Mack começou a perguntar-se o que conseguira realmente. Agitara toda a gente, claro, mas isso, por si só, nada iria mudar. Os Jamisson tinham-se recusado redondamente a aceitar a lei. Se pegassem nas suas armas, o que poderiam fazer os mineiros? Valeria a pena algum dia lutar pela justiça? Não seria melhor tirar o chapéu à passagem do *laird* e rezar para vir um dia a substituir Harry Ratchett como capataz?

Um vulto pequeno com um agasalho de pele preta saiu disparado do alpendre da igreja como um galgo a que tirassem a trela. Era Lizzie Hallim. Avançou direita a Mack. Os mineiros abriram alas com presteza.

Mack olhou para ela. Já em sossego era bela, mas agora, com as faces afogueadas de indignação, estava deslumbrante. Com os olhos negros a chisparem, disse:

— Quem julgas tu que és?

— Sou Malachi McAsh...

— O teu nome conheço eu — replicou Lizzie. — Como te atreves a falar ao *laird* e ao filho dele com esses modos?

— Como se atrevem eles a escravizar-nos quando a lei diz que não podem?

Os mineiros murmuraram concordando.

Lizzie olhou em redor, percorrendo-lhes os rostos. Às peles do seu casaco prendiam-se flocos de neve. Pousou-lhe um no nariz e ela sacudiu-o com um gesto impaciente.

— Tendes sorte por terdes trabalho pago — disse. — Devíeis todos dar graças a Sir George por fazer crescer as suas minas e dar às vossas famílias de que viver.

Respondeu Mack:

— Se temos tanta sorte, então para que precisam eles de leis a proibir a gente de sair da aldeia e de ir à procura de outro trabalho?

— Porque sois demasiado burros para perceber quando estais bem na vida.

Mack percebeu que estava a gostar daquela discussão, e não apenas porque implicava olhar para uma mulher bela e bem-nascida. Enquanto adversário, Lizzie Hallim era mais subtil do que Sir George e do que Robert.

Baixou a voz e adotou um tom de curiosidade.

— Miss Hallim, alguma vez desceu a uma mina de carvão?

Ma Lee rebentou a rir com a ideia.

Lizzie respondeu:

— Olha o disparate!

— Se um dia descer, garanto que nunca mais diz que temos sorte.

— Já te aturei insolência que chegue — tornou Lizzie. — Devias levar umas chicotadas.

— Provavelmente vou levar — disse Mack, mas sem acreditar no que dizia: desde que nascera, nenhum mineiro ali fora chicoteado, embora o seu pai ainda tivesse visto tal coisa.

O peito de Lizzie palpitava. Mack teve de fazer um esforço para não lhe olhar para os seios. Disse ela:

— Tens sempre resposta para tudo, sempre tiveste.

— Sim, mas Vossa Senhoria nunca deu ouvidos a nenhuma.

Sentiu na ilharga a pressão dolorosa de um cotovelo: era Esther a dizer-lhe para ter cuidado, a recordar-lhe que jamais compensava levar a melhor sobre a fidalguia. Disse ela:

— Vamos pensar no que nos disse, Miss Hallim, e obrigado pelos seus conselhos.

Lizzie fez um aceno condescendente com a cabeça.

— És a Esther, não é verdade?

— Sim, *Miss*.

Lizzie voltou-se para Mack.

— Devias dar ouvidos à tua irmã. Tem mais juízo do que tu.

— É a primeira coisa acertada que Vossa Senhoria me diz hoje.

Esther soprou-lhe então:

— Mack: *fecha a matraca*.

Lizzie sorriu e, de repente, toda a sua arrogância se desvaneceu. O sorriso iluminou-lhe o rosto e fê-la parecer outra pessoa, afável e alegre.

— Há muito tempo que não ouvia essa expressão — riu-se. Mack não conseguiu deixar de rir também.

Lizzie afastou-se, ainda a rir.

Mack viu-a voltar para o alpendre da igreja e juntar-se aos Jamison, que vinham a sair.

— Meu Deus — exclamou —, que mulher!